

Proletários de todos os países unidos-vos!

AVANZADA

GES
PCP

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.P.C.)

O golpe de Estado fascista no Brasil

O golpe de estado de Getúlio Vargas não é um caso accidental nem de origem interna do Brasil. Nação semi-colonial, durante muito tempo subjugada pelos imperialismos americano e inglês, o Brasil era uma peça importante no xadrez de Hitler e Mussolini. Por isso, os agentes hitlerianos começaram a movimentar-se ali, subsidiaram e desenvolveram um certo movimento fascista, o integralismo, e se introduziram na administração de certos Estados, como o de Santa Catarina intensamente dominado por alemães hitlerianos.

Ao mesmo tempo, com o auxílio da alta burguesia brasileira e agitando a ameaça comunista conseguiram infiltrar-se junto de Getúlio Vargas e dos altos funcionários. Estava-se a poucos meses das eleições presidenciais que sob o ponto de vista legal eram a base da transformação política do Brasil. O povo brasileiro, que compreendia durante todo o governo tirânico de Vargas, a necessidade da união, consolidava a sua unidade numa vasta Frente de libertação nacional e preparava-se para, numa votação formidável a favor de Ernesto Salazar, alcançar o afastamento definitivo da ameaça fascista.

Porém, a Gestapo de Hitler viajava. Organiza-se uma provocação monstruosa, de uma conspiração comunista. Encontram-se feiçosos com nomes de comunistas (1) armas, planos de mortes, de roubos etc., etc., etc. (2) o programa habitual destas provocações declara-se o estado de guerra e Getúlio proclama-se ditador e decreta, pessoalmente, uma constituição fascista no meio do aplauso de Hitler, Mussolini e Salazar.

É lógico e sensato que Hitler e Mussolini se felicitem pela sua obra que lhes trás uma riquíssima colónia. O que é incompreensível, se não fosse mais uma prova da sua negregada tração, é que Miguel de Vasconcelos Salazar aplauda a política dum homem cujo primeiro acto foi desfalecer a economia portuguesa de dezenas de milhares de contos, pois a tanto montam os rendimentos que do Brasil vêm para Portugal, o que vem prejudicar não só os detentores dos títulos de crédito brasileiros mas, sobretudo, o pequeno e grande comércio do Norte que se vêem, assim, privados da sua mais importante clientela.

Que se veja, aqui, bem mais uma prova de como os interesses nacionais são defendidos por Salazar—O Traidor.

A burla repugnante "das eleições"

O fascismo continua a representar uma farsa indecente a que dá o nome de «eleições». Ontem, para a constituição das Juntas de freguesia, agora, para as Câmaras Municipais.

Nos desmascarámos esta cegada fascista demonstrando que não havia eleições de espécie alguma, mas simplesmente nomeações dos órgãos administrativos por parte do fascismo e das suas agências.

Contudo, para as Juntas de Freguesia, o Governo, por saber que tinha todos os trunfos na mão, reconhecia, embora muito condicionalmente, e mais em palavras do que de facto, a possibilidade de uma certa parte do povo participar no acto eleitoral.

Por isso, o Partido Comunista aconselhou aos chefes de família a organizarem as suas listas e a votarem nelas. Como se sabe, apesar de todas as dificuldades, apesar das ameaças e ameaças de toda a ordem, apesar da quase impossibilidade de desenvolver qualquer propaganda em muitos pontos do país, a massa popular espontaneamente, ou sob a influência do Partido Comunista, acorreu às «eleições» para votar contra o fascismo.

Mas as «eleições» para as Câmaras Municipais apresentam-se já sob um aspecto inteiramente diferente.

As massas populares não podem participar directamente na mais pequena medida, nas «eleições» para as Câmaras Municipais.

Segundo o decreto-lei publicado há dias sobre as «eleições» para as Câmaras Municipais, os vereadores devem ser escolhidos dentre os maiores contribuintes do Concelho e dentre os representantes das organizações nitidamente reacionárias, tais como o *Ordem Republicano*, *Associação dos Trabalhadores*, *Instituto dos Agricultores*, etc., etc., etc. Os únicos organismos com direito a votar nas listas que são, na realidade, propostos pelo fascismo.

Não se trata, portanto, duma eleição, mas, sim duma nomeação pura e simples dos vereadores por parte das agências fascistas, sancionada pelos organismos de apoio ao fascismo.

O dever de todos os anti-fascistas e de todos os cidadãos honestos é, pois, o de desmascarar completamente esta nova burla com que o fascismo pretende ludir as massas do país e a opinião pública mundial.

Nas isso não significa que não se deva aproveitar a mais pequena possibilidade de mobilizar as massas contra o fascismo sobre a base legal das «eleições» onde tal possibilidade se observe.

Pelo contrário, onde essa possibilidade se manifeste ela deve ser altamente aproveitada.

São os próprios elementos anti-fascistas e as massas aderentes às organizações, que gozam do direito de participar na farsa das eleições, que podem e devem por em prática toda a iniciativa que contribua para mobilizar o maior número de pessoas para a luta legal contra o fascismo.

A experiência das «eleições» para as Juntas de Freguesia indicou que há muitas possibilidades de trabalho legal que é possível explorar.

É a tarefa de todos os elementos anti-fascistas aproveitar essas possibilidades consoante as particularidades das organizações em que se encontram.

Se o pormenor sobre a maneira de agir, não pode, nas circunstâncias particularíssimas em que se efectua esta farsa eleitoral, ser indicado por uma organização ilegal como o Partido Comunista, há, pelo menos, o método que por todos deve ser assimilado. E o método é este:

MOBILIZAR, SOBRE O PLANO DA LEGALIDADE, AS MASSAS DAS ORGANIZAÇÕES POPULARES, PARA QUE PELA SUA ACÇÃO, ELAS POSSAM VER NA PRÁTICA O VERDADEIRO CARÁCTER: HIPOCRITA E DE LUDIBRIO DESTA FARSA DO FASCISMO.

Já que as massas não podem participar duma forma positiva na constituição das Câmaras Municipais, que, pelo menos, elas verifiquem que o fascismo as engana e zomba delas duma forma desvergonhada e repugnante.

Tal deve ser—perante a burla que o fascismo leva a efeito, sob o nome de eleições—a atitude de todos os militantes anti-fascistas e de todos os cidadãos honestos que não estão mais dispostos a servir de joguetes nas mãos do fascismo e a sofrer toda a casta de tiranias que este lhes impõe.

Depois do trigo, O AZEITE...

Acabam de ser publicados três decretos que se destinam a salvar os produtores de azeite, ameaçados da ruína pela presente colheita e «organizar» a produção do azeite. O ano parece ter sido extremamente favorável e como consequência disso, a produção seria capzeta, e as ameaças ainda, o pequeno produtor que arrasta permanentemente a sua condição de «forçado da terra».

Como é natural, esses três decretos em pouco beneficiam os pequenos produtores e contém o germen de medidas que muito os visam prejudicar.

Que se pretende nesses decretos? Submeter a produção do azeite à experiência da Federação dos trigos, dessa Federação que só trouxe aos pequenos produtores fome e mais encargos. É certo que a produção do azeite tem características próprias que não permitirão levar tão longe a experiência. Mas o certo é que se cria mais um complicado e caro organismo fascista, a Junta Nacional de Azeite, para controlar e controlar a produção e comércio de azeites.

Como é de ver os pequenos e médios produtores não têm esla cabimento senão o de pagarem 500 por quilo de azeite e o de pagarem mais caro o fabrico visto que os lugares pagaram para a Junta, também, a taxa anual de 5000 por cada prensa de varu, 7500 por cada prensa de parafuso, 10000 por cada prensa hidráulica manual, e 20000 por cada prensa hidráulica movida por outra força motriz. A direcção da Junta é composta de oito membros, dos quais o presidente é nomeado pelo ministro da Agricultura. O vice-presidente é um representante da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, portanto um alto funcionário fascista. Depois vêm quatro representantes da produção olivícola escolhidos pelas direcções das federações provinciais que deve dizer por grandes lavradores e, finalmente, dois representantes dos exportadores e armazenistas que «serão o presidente e um dos vogais da direcção dos respectivos gremios, devendo um deles pertencer à classe dos exportadores e outro a dos armazenistas», o que vem a dar, afinal, mais dois comerciantes, porque o comércio de exportação e armazenamento de azeites exige grandes capitais.

Este ano, porém, ainda não será assim constituída a Junta por não existirem nas federações provinciais e, por isso, os respectivos vogais serão nomeados pelo Ministro da Agricultura. Duma maneira ou doutra, teremos oito fascistas,

continua na página 4

Ao serviço do Grande CAPITAL

Actualmente a mais justa indignação entre os habitantes de Vila Covilhã, por motivo dum infame atentado cometido pela Empresa Hidro-Electrica da Serra do Est. e, com o apoio do Governo, contra os interesses da população local.

Esta situação é alimentada, através da derivação do rio Aivo, que se faz por a na levada construída há mais d'um século pelos antigos habitantes desta povoação. Esta água é duma importância da vida e da morte para os interesses da população local.

Por o Governo autorizar por decreto de 8-2-36, de 6 de Outubro de 1935, a Empresa Hidro-Electrica utilisasse todo o volume de água em seu benefício, ao fim de 5 anos devendo, então, a Empresa deixar correr para a Vila Covilhã um caudal de água de 320 litros por segundo, de dia, e 160 litros de noite.

Mas, não satisfeita com isto, o Governo, por intermédio d' Ministros das Obras Publicas, autorizou a empresa a reduzir imediatamente para menos de metade o caudal da água destinada à povoação de Vila Covilhã.

Por esta medida, como por tantas outras, pode o povo português avaliar que género de Governo existe em Portugal: o Governo do grande capital e dos grandes proprietários contra os trabalhadores.

É indispensavel lutar hoje mesmo para não consentir tais medidas e unimo-nos todos para as combater.

A moral fascista

Há dias nos laboratórios de análises do Instituto do Vinho do Porto entrou, para análise, uma amostra de vinho. O analista esmieloso, honesto funcionário interessado somente na sua profissão, pai de família numerosa, vivendo só do seu ordenado, fez a análise sem mesmo saber a quem pertencia o vinho. Reconheceu que o produto era impróprio e tinha matérias nocivas; assim o declarou no resultado. Foi demitido, pura e simplesmente... O vinho pertencia ao irmão de Teotónio Pereira, Ministro do Comércio e Indústria...!!!

Amigos do Partido

Mujas	9580
Nova Aurora	13800
J. P. C.	25800
Um Marinheiro	5850
Real	5850
B.	5850
Mitreu	5850
Lizli	2850
Bom	5850
A. V.	5850
Um seminarista	5850
G. E. (duas semanas)	10800
L. P. (idem)	10800
F. S. M. (idem)	10800
S. (idem)	10800
Um camarada (idem)	10800
P. (idem)	10800
Z. (idem)	10800
E. (idem)	10800
F. (idem)	10800
Vassoi (idem)	10800
TOTAL	185580

O PROBLEMA DO TRIGO

II - A baixa de produção

O governo pretende desviar a atenção do problema da construção dos silos dizendo que se não construíram silos porque os celeiros eram mais vantajosos. Não, não é isso que dizem os técnicos. A Câmara Corporativa, chamada a pronunciar-se sobre este problema disse, num Parecer que elaborou em 16 de Janeiro de 1936: «Se nos silos é possível:

- 1.º - Lutar, perfeita e economicamente, os trigos;
- 2.º - Standardizar os lotes;
- 3.º - Desinfectar, perfeita e economicamente, os trigos;
- 4.º - Garantir uma stockagem a longo prazo, eliminando por completo as perdas por deterioração».

Os silos têm muito mais vantagens, entre elas a de aumentarem certas características do trigo. Mas se o governo acha mais vantajosos os celeiros, porque os não fez construir? Porque deixou apodrecer o trigo dos pequenos produtores?

Porventura, de 1929 - data do inicio da campanha do trigo - até 1935, não houve tempo de se construir os silos ou os celeiros necessários?

Mas a penúria de trigo que se observa este ano, não é apenas a consequência de se ter exportado um deixado apodrecer o trigo de 1935. A realidade é que, depois de 1935, a produção do trigo baixou consideravelmente. De 600 milhões de quilos, em 1935, a produção baixou para 235 milhões, em 1936, e 395 milhões, em 1937. O ministro da agricultura, na sua nota de 2 de Outubro, pretende fazer crer que a diminuição da produção se deve à hostilidade do clima. Mente, da forma mais descarada.

A produção diminuiu porque a área semeada diminuiu também. Em 1934, a área semeada foi de 591.366 hectares; ora em 1935-36, a área semeada baixou para 468.200 hectares.

E os motivos porque a área da cultura diminuiu sabe o governo melhor que ninguém.

Diminuiu, porque o governo decretou o monstruoso decreto 25.947 de 15 de Outubro que proibia as sementeiras de trigo nos terrenos que tivessem produzido trigo no ano anterior. Esta medida dirigiu-se, particularmente, contra os pequenos produtores que são os únicos produtores que, pela sua precária situação económica, se vêem obrigados a cultivar trigo, anos seguidos, nas mesmas terras, sem lhes darem descanso.

Ora os pequenos produtores constituem, segundo dados fornecidos pelo ministro da agricultura, 90% de todos os produtores de trigo.

A cultura do trigo diminuiu, também, porque os camponeses - arruinados - não tinham, sequer, dinheiro para comer, nem crédito para sementes, para força de trabalho, etc. Diminuiu, porque os camponeses sentiram o peso sobre os seus ombros novos impostos - como o de 8% que tem que suportar durante 5 anos.

A cultura do trigo diminuiu, ainda, ou foi pura e simplesmente abandonada, porque os camponeses tinham sofrido a dura experiência de 1936, a que não queriam expor-se novamente.

Donde se conclui que o governo - e só o governo - é o responsável de que actualmente não tenhamos o trigo necessário e sejamos obrigados a comer pão de lixo:

1.º - Porque não construiu - como prometera - celeiros e silos para guardar o trigo dos anos de grandes colheitas - como os de 1934 e 1935 - deixando, pelo contrário, apodrecer o trigo dos pequenos produtores.

2.º - Porque exportou grandes quantidades de trigo a um preço ruinoso, em vez de o armazenar ou de promover o alargamento do consumo pelo seu barateamento.

3.º - Porque impôs um colete de forças à pequena produção obrigando-a a reduzir a cultura por meio do sinistro decreto n.º 25.943.

4.º - Porque arruinou a pequena produção, deixando apodrecer o trigo, ou obrigando-a a vendê-lo a preços vis e sobrecarregando a lavoura com 100.000 contos, destinados a cobrir a diferença entre o preço legal do trigo e o preço porque foi vendido ao estrangeiro.

5.º - Aconselhando os camponeses a dedicarem-se à plantação de arvORES, o que significava aconselhá-los a morrer de fome, visto que as árvores só ao fim de vários anos produzem.

6.º - Enviando para Espanha, para as tropas fascistas que assassina o povo nosso irmão, que metralham as mulheres e crianças e destroem cidades inteiras, o trigo que faz falta à nossa alimentação.

São estas algumas das principais razões porque actualmente o povo é obrigado a comer pão de lixo e os camponeses arrastam uma vida aflitiva de miséria e de fome.

Continuaremos

Correspondencia das fábricas e dos campos

Depois dum período em que os nossos camaradas nos mandavam largas informações da sua vida, começaram a deixar de receber essas notícias absolutamente necessárias num jornal dos trabalhadores.

Claro está que deverão os nossos camaradas evitar enviarem notícias sem valor, mas tudo o que mostre as condições do seu trabalho, a exploração de que são vítimas, as lutas que travam e seus resultados.

Tudo isso, SEJA OU NÃO escrito por COMUNISTAS, tem no «Avante» o seu lugar.

O «Avante» é o jornal de todos os que lutam contra o fascismo. Que todos colaborem para que ele descreva inteiramente as condições em que vivem os portugueses sob o domínio de Salazar.

Ecos do Arsenal

No dia 23 do passado mês de Outubro foi solenemente encorpoado na Armada de Portugal o novo aviso de 2.º classe «João de Lisboa».

Denotando um firme propósito, cavilosamente preconcebido, fez-se revestir esse acto de cerimonial estranhamente ostensivo, aproveitando o senhor ministro da Marinha o ensejo, antecipadamente preparado e claro, para uma vez mais, e mais claramente do que nunca, esvanecer todo o odio que o senhor ministro dos negócios marítimos, a quem não conseguiu fazer vergar a serviz, e contra os honrados operários, do velho Arsenal, especialmente sobre estes que quasi instantaneamente mas teimosamente têm resistido à onda avassaladora da fascização.

Perfeitamente identificado com quanto as suas declarações representavam de infâmia cobard e caluniosa, porque lhe não assiste, mesmo, o direito de o ignorar, não teve o menor rubor de assacar ao pessoal arsenalista a afrontosa responsabilidade da demora na construção desse navio.

O Director das Construções Navais, presente, a quem cumpria prestar justiça ao pessoal que litiga, em primeira instância, tudo suportou sem o menor gesto, sem o mais leve murmúrio de protesto.

E contudo, ele conhece, talvez melhor que ninguém, os motivos porque a construção do navio decorreu com tanta morosidade.

Sabe perfeitamente que o pessoal não atinge a menor culpa de que os trabalhos se tivessem conservado positivamente paralisados desde a mesma concessão, aguardando a chegada dos materiais indispensáveis para a sua propulsão e por carência absoluta de toda a espécie de materiais, chegando ao ponto inconcebível de os electricistas não terem fio para estender.

Esse senhor sabe, e muito bem, que pode afirmar-se que o navio foi alterado de prôa à popa no seu projecto primitivo, pela vontade caprichosa de quem quiz, e pôde fazê-lo a seu bel-talante, desmanchando o que já estava certo para tornar a fazer em seguida, segundo as novas opiniões, inutilizando assim quanto e quanto trabalho já ultimado.

Sim, o senhor director das Construções Navais, como muitas outras pessoas, conhece tudo isto perfeitamente e mais algumas coisas, mas... ouvio ele e calou, como era natural.

E ainda ousarás esperar arsenalista, que os teus interesses possam ser acatados ou defendidos por alguém, que não sejas tu próprio?

Que há na Madeira?

Acabamos de saber que se está fazendo a censura a toda a correspondência da Madeira.

As notícias para os jornais são censuradas antes de ai dar o seu traço, e as cartas vindas da ilha são entregues depois d'abertas. Que se passará na Madeira que não se possa contar, que assim se procure impedir a sua divulgação?

Haverá protestos? greve? Ter-se-á ali estabelecido qualquer base naval alemã, terão de-

Que se passa?

O adido militar alemão que é o mesmo em Portugal que em França, (veja-se a importância que Portugal tem para a Alemanha) isto é, que é o mesmo para a França que Hitler quer destruir e para Portugal que Hitler quer colonizar—entregou a Salazar uma bandeira portuguesa tomada durante a grande guerra pelos alemães.

No acto da entrega houve discursos entusiastas em que se falava na união e estima actual dos dois exércitos e na viagem de Von Blomberg, ministro da guerra alemão, aos Açores.

Como é natural, o general adido não veio da França a Portugal se para que uma bandeira fosse entregue aos seus donos. Também é estranho que só agora, precisamente, se descobrisse que aquela bandeira tinha ficado na Alemanha e, demais, podia ser entregue em qualquer altura, sem ser ratado pelo ministro da Alemanha.

Que prova tudo isto? Que apanha por trás desta farsa grosseira.

Primeiro: que a Alemanha liga a maior importância militar a Portugal que pelo Continente, quer pelas Ilhas e Colónias.

Segundo: que Blomberg, na sua visita de inspecção militar à Madrugada deve ter escolhido detetar, nos pontos, recolhido elementos para propostas de subordinação do nosso país à acção de guerra dirigida pela Alemanha.

Tercerito: que essas propostas foram aceites e é necessário dar publicidade da LEALDADE do CAPITALISMO da Alemanha (a Alemanha) que restitua a bandeira, frisando que não os conquistou, que as alemãs (os portugueses estavam mortos à volta da bandeira), para que não haja quaisquer medos.

O nosso país em cada vez com mais rapidez para o abismo da guerra a que Hitler o empurra.

QUANTOS OS PORTUGUESES, sem diferenças de política ou de religião, que todos os dias QUEREM que o nosso país não seja destruído por uma guerra que NINGUEM PRETENDE CONTRA NÓS—se UNAM para que a combinação infame de Salazar, o CAIXADOR A PORTUGAL, com Hitler não vá avançar e chace a população portuguesa!

Relações luso-britânicas

Diz-se que a missão militar inglesa, que deve vir para Portugal, em respeito da qual os jornais se têm referido ultimamente, tem por fim exercer uma espécie de influência sobre a política portuguesa, que, como não é segredo, é a ninguém e orientada ultimamente pela diplomacia alemã. Salazar não esconde o seu descontentamento menos por patriotismo do que por preferir a vigilância e os ordens dos seus parcos alemães.

Publica a Independência de Portugal em que trata te submete o senhor Salazar!

Reunir as forças que a apreensão para a próxima guerra dos

da sabedoria. Contudo passa alguma coisa muito grave. Que há na madeira?

Os comunistas e a Nação

O fascismo apresenta, geralmente, os comunistas como inimigos de Portugal, demolidores da sua história e dos seus valores contemporâneos, pessoas que, movidas por sentimentos internacionalistas, ententam contra a existência de Portugal como nação independente.

Tudo isto não passa da mais refinada calúnia. E' o fascismo, é Salazar & C.ª que, para prolongarem a sua abominável dominação sobre o nosso país, entregam Portugal à Alemanha e à Itália.

Nós, os comunistas, pelo contrário, sacrificamos toda a tranquilidade e a própria existência para que Portugal não seja nunca uma colónia de Hitler ou de Mussolini ou seja de imperialismo fôr. Nós lutamos infatigavelmente para que Portugal seja livre e independente e para que ele progreda em todos os domínios.

Nós, não só não queremos o aniquilamento da nossa nacionalidade como, pelo contrário, lutamos por um regime no qual a nossa língua, a nossa literatura, a nossa cultura nacional atinjam todo o seu esplendor.

Não somos nós, os comunistas, mas as classes dominantes decadentes, quem nega o valor da nossa terra e a escarnecer. Carlos I, que foi rei de Portugal, chamava ao nosso país—a pilolheira.

Nós, pelo contrário, revoltamo-nos contra uma tal deprecição da nossa terra. Nós amamos Portugal, amamos a nossa terra tão bela que possui maravilhas naturais como Sintra, o Algarve das amendoeiras, o Minho verdejante e florido.

Nós amamos o nosso povo, de que orgulhosamente fazemos parte.

Nós rendemos o nosso respeito aos heróis que lutaram pela independência da nossa terra e pelo seu engrandecimento. Ao povo de Lisboa que, com o alfaite Fernando Vazquez à frente, fez a primeira revolução burguesa em Portugal, em 1371, no reinado de D. Fernando; a João das Regras, que no campo da lei e aos heróis que no campo da batalha, em Aljubarrota, opuseram um dique à invasão castelhana que, apoiada pela aristocracia, visava o aniquilamento da nossa nacionalidade; ao povo de 1640 que expulsou os tiranos de Castela a quem Portugal tinha sido entregue pela nobreza em 1580; a Gomes Freire e aos seus companheiros enforcados porque queriam que Portugal fosse governado pelos portugueses.

Nós orgulhamo-nos de pertencer ao povo que fez os Descobrimientos, que teve um Infante D. Henrique, um Pedro Nunes, um Gil Vicente, um Camões, um Herculano e, na actualidade, um Gago Coutinho que fez a primeira viagem gloriosa do Atlântico Sul.

Nós somos parte integrante desse povo que durante mais de nove séculos lutou por conservar Portugal como Nação livre e deu todo o seu esforço para o seu desenvolvimento.

Nós, filhos do povo, não só não abraçamos a causa da liberdade da Nação Portuguesa, porque se bateram os nossos avós, como, pelo contrário, somos os seus melhores continuadores.

Os grandes capitalistas, os grandes proprietários, o alto clero—que hoje dominam no nosso país—são os descendentes da nobreza que apoiou a invasão de Portugal pelo rei de Castela, são os filhos dos nobres que entregaram Portugal aos Filipes, em 1580, são os descendentes do Rei que abandonou a Nação ao invasor francês quando as tropas de Junot pisaram o nosso solo.

Atraído Portugal, vendendo-o ao estrangeiro, o fascismo não faz mais do que continuar as tradições dos seus antepassados.

O fascismo que procura todos os pretextos para nos caluniar—porque somos os melhores defensores do povo que ele oprime—afirma, também, que os comunistas se proclamam «actuais» defensores da independência nacional, por hipocrisia, por manobra hábil, para cumprirem as decisões do Congresso da Internacional Comunista, de 1935.

Que somos os melhores defensores da Independência nacional, na prática e não por fingimento, demonstram-no os comunistas espanhóis e chineses que ocupam os primeiros postos na luta contra os invasores dos seus países.

Que a posição que defendemos é a posição conseqüente dos comunistas em todos os tempos, demonstra-o brilhantemente o artigo escrito por Lênine, em 1914, sob o título: «Sobre o orgulho nacional dos grandes russos».

Nesse artigo, Lênine diz:

«Porventura não é estranho, a nós proletários conscientes de nacionalidade «grande russa», o sentimento de orgulho nacional? Não, naturalmente que não! Nós sentimos amor pela nossa língua, pelo país em que nascemos, trabalhamos mais do que ninguém por que as suas massas trabalhadoras, isto é, as nove décimas partes da população se elevem à vida consciente dos democratas e dos socialistas...»

Proclamando-nos os mais ardorosos defensores da independência nacional, o continuador do que há de glorioso e progressivo na nossa história, combatendo infatigavelmente pelo florescimento da nossa cultura nacional e pela manutenção da nossa língua portuguesa—traço vivo da nossa nacionalidade—nós, comunistas, seguimos, conseqüentemente, a teoria do Comunismo—que é a teoria da libertação de toda a humanidade.

Não é, por conseguinte, o comunismo mas o fascismo que atenta contra a existência de Portugal como nação independente.

OS COMUNISTAS LUTAM POR QUE A PATA DO IMPERIALISMO ESTRANGEIRO NÃO POSSA OPRIMIR O NOSSO POVO E ANIQUILAR A NOSSA CULTURA NACIONAL. O FASCISMO, PELO CONTRÁRIO, ENTREGA PORTUGAL A

Os antagonismos imperialistas na China

Segundo um estudo da Internacional Comunista, publicado já no ano passado, podemos compreender algumas actitudes que reultaram para a situação da China no campo internacional por motivo dos antagonismos capitalistas, criados em face dela, entre a Inglaterra, os Estados Unidos e o Japão.

Caracterisemos, brevemente, a política dos últimos anos de cada um dos três países, na China, em face dos outros dois: Esforço do Japão por uma China que seja colónia sua—fazendo de cada conquista uma base para as conquistas ulteriores; luta dos Estados Unidos para manter a sua influência no Pacífico, com a adesão da Inglaterra, e todos os seus interesses na China; manobras da Inglaterra para conseguir uma intervenção financeira internacional na China (fazendo desta uma semi-colónia dos imperialismos ingleses, americano e japoneses) onde ela pontificaria pela sua excepcional situação financeira.

Vejam, mais de perto, o que se passa em torno da agressão permanente do Japão sobre a China. A passividade dos outros países tem sido, essencialmente, uma conseqüência dos antagonismos de interesses anglo-americanos—é uma posição de espectativa, nunca de abandono (recordem-se os reforços dos armamentos do Pacífico). Estes antagonismos não têm sido, porém, a única causa; deve ter-se presente o interesse do capitalismo inglês, e o do capitalismo americano, por um enraizamento da China Soviética e por um enfraquecimento da U.R.S.S., sobretudo quando fossem realizados por um intermediário (neste caso o Japão). Mas a importância destes factores de passividade encontra-se, hoje, diminuída: a Inglaterra, que afastara prudentemente os protestos iniciais dos Estados Unidos contra o Japão (1922-1933) viu, depois, a sua situação muito agravada com a intensidade e extensão que foi tomando a agressão japonesa, e, na Europa e Ásia, com o acréscimo dos armamentos alemães, com a invasão da Etiópia, com as ameaças do fascismo, com a situação na Palestina, etc., o problema do capitalismo em frente da China Soviética e da U.R.S.S. toma também aspectos diferentes (deslocação da frente de luta contra os exércitos vermelhos da China para longe dos centros vitais de influência imperialista, etc.).

O que pode explicar uma atitude mais enérgica da Inglaterra—atitude que, por agora, tem ainda a uma aproximação com o Japão no sentido de uma partilha da China, embora com o reconhecimento da justiça de importantes reivindicações japonesas—é o facto de todo o seu monopólio colonial, na Ásia, ficar directamente ameaçado pela agressão nipônica.

HITLER, A MUSSOLINI E A FRANCO.

Num próximo artigo demonstraremos em que difere a nossa posição do «nacionalismo» fascista.

SEMANA INTERNACIONAL

Como se sabe, um dos muitos problemas em discussão no celeberrimo Comité de Londres, é o problema da «cessão de direitos de beligerância aos dois partidos em luta na Espanha, problema esse levantado pelo Plano Inglês de Julho.

A URSS, desde princípio, recusou-se a aceitar estes pontos do Plano Inglês, porque a concessão dos direitos de beligerância favorecia Franco.

A Itália, a Alemanha e Portugal—tomando como pretexto a atitude soviética—recusaram-se, por sua vez, a aceitar a retirada dos combatentes não espanhóis.

A atitude soviética fornecia, portanto, ao fascismo, o pretexto para torpedear as resoluções de Londres e para acusar a URSS de ser a responsável do beco sem saída em que se encontravam as discussões de Londres.

Os círculos reaccionários de Londres e Paris, baseando-se na atitude soviética, intrigavam, com o objectivo de isolar a URSS internacionalmente.

Pois bem, a URSS acaba de desfazer todos esses pretextos e intrigas declarando pela boca do seu delegado, Maisqui, que aceitava integralmente o Plano Inglês.

Com esta sua nova atitude, a URSS desmascara os países fascistas, obrigando-os a mostrarem a sua verdadeira política. De futuro, a Alemanha e a Itália não podem mais dizer que a retirada dos voluntários não pode efectuar-se por culpa dos soviéticos. E os que descreviam a URSS como internacionalista, devem perder novamente as esperanças.

Haverá quem suponha que o fascismo obteve uma vitória diplomática sobre a URSS.

A «Voz», jornal dos mais reaccionários que se publica no nosso país, diz a este respeito:

«Quem julgar que se venceu a perfídia russa, enganase. «E não compreenderá que se instalou novamente na praça o inimigo quasi excluído».

Façamos a justiça à «Voz» de encerrar o problema como deve ser...

A viagem do Lord Presidente do Conselho da Grã-Bretanha, à Alemanha, dava motivo para largos comentários se o espaço permitisse. Depois da assinatura do «Pacto anti-comunista», abertamente dirigido contra a Inglaterra e a França e dos ataques da imprensa alemã contra a Inglaterra, esta viagem apparece nitidamente como a expressão da política dubia da Inglaterra de complacência para com o agressor.

A Alemanha aproveitara-se desta viagem para propor à Inglaterra, que lhe deixasse as mãos livres contra a Tcheco-slováquia, em troca do ABANDONO provisório de certas reivindicações.

E de esperar que os planos da Alemanha não vingnem porque encontram uma viva resistência na França e em certos círculos influentes da Inglaterra—no proprio Ministério dos Negócios Estrangeiros. Contudo, as ameaças contra a Paz persistem e não é fazendo concessões aos agressores que essas ameaças se dissipam.

A provocação do Leipzig descoberta!

Ainda ninguém, no mundo, esqueceu a brutalidade do bombardeamento de Almeria pela esquadra alemã.

Depois desse primeiro grande «sucesso» de bombardeamento de uma cidade indefesa, os bandidos nazis quiseram ampliar a sua acção criminosa e entrar, pelo lado do mar, numa acção activa contra a República Espanhola. Para isso era necessário que houvesse novos pretextos para que pudessem bombardear cidades como Valência, Barcelona ou Cartagena de importância fundamental para a guerra.

Em certa altura as agências nazistas, toda a imprensa fascista noticiaram que fora lançado um torpedeiro contra o cruzador alemão Leipzig que se encontrava no Mediterrâneo. Os alemães já anunciavam represálias terríveis quando o protesto de certo vigor da França e da Inglaterra as impediram.

Agora, acaba de provar-se a provocação. Pescadores portugueses apanharam, DESCARRE-

GADO e AMOLGADO NA PONTA, um torpedeiro alemão. Levaram-no a Gibraltar onde as autoridades inglesas se limitaram a anotar as características do projectil. Chegados a Lisboa, entregaram-no os pescadores. Primeiramente, esteve no Arsenal de Marinha, com SENTINELA AO LADO e, agora, passou para o Zebro, Escola de Torpedos, onde se conserva cuidadosamente tapado por um encerrado.

A provocação está patente. Para quê um torpedeiro descarregado senão para o lançar sem perigo contra um barco da propria nacionalidade?

Porquê o Leipzig ficou com uma leve amolgadura se foi atacado por um torpedeiro?

Porquê se amolgaria o torpedeiro na extremidade do choque, porquê estava descarregado e porquê as autoridades portuguesas o roviaram de tanto mistério? Não nos enganaremos muito se dissermos que se encontra neste torpedeiro o segredo do torpedeiro do Leipzig.

MISERIAS DO FASCISMO EM FRANÇA

La Roque é, em França, o inimigo mais perigoso do povo e das liberdades democráticas. Tendo conseguido, durante muito tempo, iludir grandes massas de ex-combatentes a quem parquidira de que era necessário MORALIZAR a vida pública francesa—tornara-se uma preocupação publica pois que as suas forças perfeitamente armadas podiam, num repente, dar um golpe profundo na vida francesa. Em 6 de Fevereiro tentou esse golpe que se malogrou em virtude da energia do povo de Paris que soube defender as suas liberdades ameaçadas. Ao mesmo tempo cimentava-se a união de todos os anti-fascistas que numa greve geral por toda a França deram a resposta aos ataques do coronel e das suas forças. Apesar de dissolvidos, os Cruzes de Fogo, nome da organização militar fascista, mantinham-se no Partido Social Francês, apolado pela alta burguesia e pelos grandes funcionários.

Eis que rebenta o escândalo. La Roque é acusado por um seu lugar-tenente, Pozzo di Borgo, de ter recebido dinheiro dos fundos secretos do ministério do interior de dinheiro que lhe era entregue por Tardieu e depois por Laval. Quer dizer: La Roque pago e estava às ordens daqueles que fingia atacar. Não era mais que um agente de DIVERSÃO, que pretendia desviar de maneira inofensiva para a alta burguesia o ódio que os governos pró-fascistas de Tardieu Laval e Doumergue tinham levantado contra si.

Acusado em publico, La Roque não se defendeu senão pela agressão de um fascista seu acusador e teve um grande processo que se está desenrolando neste momento e em que fica bem evidente a «moralidade» por que combatia tão «nobremente».

Um tanto de dezenas de milhares de francos mensais que, segundo parece, nem entravam na calxa do seu partido...

Depois do trigo, o azeite...

continuado da página 1

a maior parte dos riquíssimos que vão dirigir os destinos do pobre lavrador português que tem nalgumas dezenas de decalitros de azeite a garantia de poder satisfazer as suas necessidades maiores.

Desde já se anuncia, pelo segundo decreto publicado, que a fraude com óleo de mendobi será evitada e o seu consumo em vez de azeite será evitado pelo estabelecimento de uma taxa que o faça aproximar do preço mínimo compensador do azeite. Além disso, o óleo só poderá ser vendido em depósitos e estabelecimentos comerciais determinados.

Este segundo decreto manifesta a mais formidável hipocrisia. Nenhum dos objectivos que lhe são apontados foi accusa das suas determinações.

Em primeiro lugar, porque os pobres continuam a consumir o óleo de mendobi porque este tem de ser sempre mais barato do que o azeite.

Quando os trabalhadores com-

pram o óleo não o fazem porque gostem menos de azeite mas porque o não podem pagar. E isso continuará a dar-se porque não é com decretos sobre o óleo de mendobi e o azeite que os trabalhadores e a pequena burguesia, verão aumentada a sua capacidade de compra.

Em segundo lugar, o que se pretende, é evidencia, não é evitar o consumo do óleo restringindo o numero de estabelecimentos que o vendem, o que é absurdo, mas pretende-se qualquer coisa mais importante. E isso não é preciso ser-se muito perspicaz para se ver o que é.

Quem é o maior importador de óleos em Portugal? Quem é o maior fabricante de óleo de mendobi? Alfredo da Silva.

A quem pertence a maioria senão a totalidade dos depósitos e estabelecimentos autorizados para vender óleo? A Alfredo da Silva.

Finalmente, quem é o maior comprador de azeite em Portu-

A Legião manda

Ao lado do Governo, das autoridades e do Exército, existe no nosso país uma nova entidade cujos poderes são tão vastos que todos têm que se curvar perante ela. Trata-se da celebre «Legião Negra» criada por «conselhos das autoridades alemãs e dirigida de facto pelo Partido Nacional Socialista alemão.

A Legião que, pode e manda. Diante dela todos têm que formar em sentido.

Todos se lembram da Legião, em tempos, ter enviado a vários industriais uma lista de subscrição onde lhe era imposta a contribuição voluntária dum mínimo de 10 a 20 contos!

Todos se lembram também da Legião ter exigido que os patrões pagassem os salários dos seus empregados legionários que tomassem parte na parada de 28 de Maio.

Agora a Legião entende por bem «decretar» a dissolução dum associação desportiva de mulheres que há pouco se criara.

Essa associação—pelo que se disse nos jornais—contava com o apoio dos grandes jornais «Século» e «Mário de Notícias» e das autoridades do país.

No entanto, a Legião DECI- DIU e a nação é obrigada a obedecer.

O povo português e particularmente o Exército devem encerrar estas atitudes da Legião não pela importância do caso em si, mas pelo que contém de ameaça.

Estes factos denunciam que a Legião pretende exercer em todo o país uma segunda ditadura mais bárbara, mais repugnante—a ditadura dos seus patrões alemães.

Por isso há que estar alerta. Portuguezes trabalhadores manuais e intelectuais, classes médias, exército, mulheres e jovens: Formemos uma barreira de aço contra a Legião Negra, bando de assassinos e de traidores ao serviço da Alemanha, que quer transformar o nosso país numa segunda Espanha.

O terror continua...

Continuam as buscas nalguns pontos da cidade. Subitamente, sem qualquer motivo que o justifique, é cercada uma casa, um quarteirão de casas, e de baixo a cima, tudo é revistado. Sujettim-se os cidadãos que estão tranquilos, a repousar, aos vexames e incómodos do aspricho policial que quando nada tem para fazer, inventa.

Uma vez, inventa os atentados que não matam ninguém, outras vezes anda a correr a cidade à procura dum homem de calças pardas que ninguém viu.

Que a policia se deixe destas rocambolescas aventuras e deixe dormir descansados os cidadãos que, a força, lhe pagam.

Que mais não seja, para justificar as campanhas da imprensa paga pelo Secretariado que affirmam que em Portugal todos apoiam Salazar.

Quem é o maior fabricante de azeite?

Alfredo da Silva. Será por este prisma que teremos de encarar novamente o problema dos azeites e óleos para que mais alguma luz esclareça tão importante questão.